



## “Tolar de dentro<sup>1</sup>”: o riacho de Extrema face ao antropoceno<sup>2</sup>

Márcia Sacramento Rocha<sup>3</sup>

### Resumo

O presente trabalho aqui apresentado é uma pesquisa etnográfica, e assim, pretende abordar acerca de um riacho existente na comunidade quilombola de Extrema, situada no município de Iaciara no estado de Goiás, e sua implicação na vida dos quilombolas, bem como, de todas as formas de vidas existentes no riacho e em seus arredores face ao antropoceno, que com base em nossas ações, como elucida Krenak (2019), vem marcando o tom de nossa existência. Dessa maneira, a partir de saberes ancestrais quilombolas e de nossa relação com a natureza, trarei sobre as mudanças ambientais e ecológicas enfrentadas por nós, e que foram observadas a partir do riacho que corta a comunidade, e desta maneira, abordarei sobre as transformações que vem ocorrendo pelo uso inadequado das fontes naturais de forma indiscriminada, que há anos vem provocando mudanças das interações, e das relações entre as várias gerações de quilombolas e a natureza.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola de Extrema, Antropoceno, mudanças ambientais e ecológicas

### Quilombolas de Extrema: caminhos percorridos

Para que vocês possam entender o contexto do que trarei escrito nesta etnografia, convido-os a acompanhar-me nessas linhas, pois, por meio delas voltaremos um pouquinho no tempo para que vocês possam conhecer e entender mesmo que de forma sucinta um pouco da vida e história do povo da comunidade quilombola de Extrema, que na época que chegamos a comunidade ainda não nos autoidentificávamos como quilombola, e nem éramos reconhecidos como remanescentes de quilombo, denominação que só se deu muito tempo depois e foi reforçada com o reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2014.

---

<sup>1</sup> Tolar de dentro - Termo e ou expressão cultural utilizada pelo povo Quilombola de Extrema para se referir a estar dentro de algo ou de alguma coisa, estar junto, entrar junto, estar dentro de alguma coisa ou lugar, seja ela uma conversa ou até mesmo um rio, riacho ou floresta, como no o caso da expressão acima “Tolar de dentro do riacho”.

<sup>2</sup> Este trabalho foi desenvolvido e apresentado ao curso de Antropologia da Vida Diante da Catástrofe no primeiro semestre de 2021, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) na Faculdade de Ciências Sociais em Universidade Federal de Goiás (UFG), por Márcia Sacramento Rocha, quilombola, mãe de três filhos, Pedagoga e Mestranda em Antropologia Social (UFG).

<sup>3</sup> Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás.

Na Extrema, por meio de histórias que eu ouvia meu avô Bento<sup>4</sup> (falecido), geralmente contadas no meio do terreiro durante a noite deitados em cima de um couro de boi, era perceptível toda violência vivida por nosso povo, que em nossos corpos negros, carregavam e ainda carregamos as cicatrizes e as marcas de toda luta travada, e toda a violência na qual fomos submetidos, e por isso, não nos deram outra alternativa, se não, usar toda nossa força no enfrentamento, na luta e na resistência, mesmo que as vezes de forma silenciosa.

Alguns anos após a suposta libertação dos escravizados no Brasil, minha família saiu do estado da Bahia, entre eles estavam homens, mulheres, idosos e crianças, carregando tudo que conseguiam nas costas, e com ajuda de animais para carregar os mantimentos e as crianças. Assim, seguiram com destino ao estado de Goiás, a pé, em busca de uma “vida melhor”, já que mesmo estando livres, todos os direitos nos haviam sido negados (mesmo estando supostamente livres). Quero escurecer aqui, que não existe liberdade quando se é privado de direitos vitais, direitos essenciais para que se viva com um mínimo de dignidade.

Na busca constante para viver, ou melhor, para tentar sobreviver com menos sofrimento resquícios ainda do processo de escravização de seres humanos enfrentadas por nós, os quilombolas de Extrema enfrentaram mais essa luta, e continuaram a resistir, mesmo carregando em seus corpos marcas desta triste história que ainda permanecia em carne viva, sangrando.

Após toda essa andança, no trajeto da Bahia para Goiás, enraizados de esperança e de desejos de construir uma nova vida, na década de trinta chegaram em um lugar com características parecidas com as de onde viemos, entre elas, um riacho e muitos pés de coco macaúba.

Diante deste lugar, acreditavam que daria para criar os filhos, construir nossas casas, os carreiros, plantar as roças, canteiros/hortas, criar animais, cultuar a fé, manter nossa cultura, e os nossos modos de vida e de existência. Assim, ao encontrar este lugar, compraram uma gleba de terra e colocaram o nome de Extrema. Neste lugar, que passou a se chamar Extrema, uma das grandes riquezas era riacho que atravessa a comunidade, como podemos perceber caminhando com a liderança e mestra quilombola Maria Madalena do Sacramento Rocha (2019).

---

<sup>4</sup> Bento, era um homem negro, filho de Ioiô Pedro Rocha (um dos irmãos fundadores da comunidade de Extrema) e Iaiá Jovita. Esposo de minha avó Bitá, pai de cinco filhos vivos e outras percas, entre esses filhos, pai de minha mãe, Jovelina. Assim, além de meu avô, ele era trabalhador rural, folião tocador de pandeiro e benzedor de vento e espinhela caída.

Em 1933, as famílias Silva e Rocha chegaram em Extrema, um lugar com riacho e bem arborizado, principalmente pela palmeira macaúba, o bom “coco de roer”, um coqueiro nativo, espinhoso e muito alto, que pode atingir mais de 15 metros de altura. O reencontro com as macaúbas liga o passado no interior da Bahia ao presente do povoado Extrema. (30)

Por meio do riacho se dava os plantios para o nosso sustento, água para os animais e pessoas, e também muitas aprendizagens dos quilombolas, principalmente, por meio das brincadeiras das crianças. Deste modo, o riacho era e sempre foi vital para os quilombolas de Extrema. Maria Madalena do Sacramento Rocha (2019: 31), afirma que [...]quando chegaram em Extrema, os mais novos abriram carreiros, os caminhos para andar no povoado, construíram casas de adobe e pau a pique. João Damaceno e Nicolau Cesário alfabetizaram as crianças em casa”. E os dois quilombolas foram os nossos primeiros professores em Extrema, e foi assim que recomeçamos na comunidade, pois conforme o poeta quilombola Nego Bispo nós quilombolas “somos sementes que brotam”, e portanto, somos onde quer que estejamos nosso próprio quilombo e território.

### **Os quilombolas e o riacho face o antropoceno**

Agora que conheceram um pouco sobre nosso povo quilombola de Extrema, quero escurecer que esta etnografia vem trazendo acerca das vivências dos quilombolas de Extrema e suas interações com o riacho, a única fonte de água natural existente na comunidade, e deste modo, pretende-se abordar acerca do riacho que atravessa a comunidade quilombola de Extrema e sua implicação na vida dos quilombolas, e também, de todas as formas de vidas existentes dentro dele e em seus arredores face ao antropoceno, que com base em nossas ações, como elucida Ailton Krenak (2019), vem marcando o tom de nossa existência.

Dessa maneira, trataremos sobre as diferentes formas de existências, a partir de nossos conhecimentos, dos saberes ancestrais que compartilhamos e de nossa relação com a natureza, bem como, as transformações que vem ocorrendo pelo uso inadequado das fontes naturais de forma indiscriminada.

A princípio, quando os professores propuseram de fazer uma atividade em formato de pesquisa bibliográfica ou etnografia durante o Curso de Antropologia da Vida Diante da Catástrofe, eu optei pela segunda, e assim, fiquei pensando quais os caminhos que eu poderia trilhar nesses primeiros passos em um caminhar na tentativa de fazer emergir de dentro mim, aos poucos, uma antropóloga, uma etnógrafa, sendo eu mesma e o meu povo de Extrema o nosso próprio campo para desenvolver este trabalho. Pois, aprender ser uma etnógrafa,

engendrar uma etnografia, e assim, ter que fazer o minudencioso exercício de olhar, ouvir e escrever conforme explana Roberto Cardoso de Oliveira (2000), não é uma tarefa fácil.

Atravessada por muitos questionamentos e afetada por eles, a partir das vivências de meu povo quilombola no que diz respeito ao riacho existente na comunidade de Extrema, e por todas as inquietações no que se refere ao antropocentrismo nessa relação em que o homem tende a se colocar como o centro de toda existência, determinante inclusive da vida e da morte de outras formas existências, coloca-se como a vida mais importante, e não como uma pequena parte dessa imensidão, desse emaranhado de vidas.

Tudo isso fora aguçado durante as aulas do referido curso, em que trabalhamos entre tantas coisas, as questões relacionadas a todas as formas de vidas existentes, e sobre o antropoceno, posto como uma espécie de marca que estamos imprimindo no mundo, capaz até de caracterizar em uma nova era, sendo então, uma herança, nada boa, que deixaremos aos nossos povos após nossa partida, como afirmou Ailton Krenak (2019), que discorre ainda que:

Se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos. (32)

Tomando como base essas primeiras impressões e questionamentos a partir dos saberes e cosmologias quilombolas, e também com estudos e leituras durante as aulas do curso de Antropologia da Vida Diante da Catástrofe, ficou evidente que o Outro é um Eu e que um Eu é um Outro. Assim, conforme diz o professor Alejandro Fujigaki Lares que diz “o que a gente não olha também é um emaranhado”, sobre essa relação entre pessoa e território, e que esse Outro pode ser humano e ou não humano, natureza e ou humano, e assim, vimos também a relevância da existência de diferentes formas de vida em um mesmo território, que tendemos chamar de nosso, em que o homem coloca-se no direito de determinar a vida e a morte, e colocar-se como a vida mais importante, como o centro da vida na terra.

E diante do que me relatou em uma de nossas muitas conversas, minha querida amiga Vanessa Karajá, indígena dos povos Iny, Pedagoga, mãe e pesquisadora que “as pessoas e o rio são como sendo um só” e também que “a morte do rio é também a morte das pessoas”.

Deste modo, com base em muitos desejos de poder trazer esses conhecimentos ancestrais quilombolas e para melhor compreendermos essas questões ecológicas, ambientais, de vida e existência, com base nos dizeres do povo de Extrema em relação a tudo isso, e

principalmente, dos ensinamentos propiciados pelo riacho, sobre o que ele vem insistindo em nos dizer, decidi fazer o caminho de volta até o riacho de minha comunidade quilombola de Extrema, a partir das gerações de pessoas que viveram o riacho “vivo” e das que estão vivendo o riacho “morrendo”, levando em consideração as faces do antropoceno como sendo a nossa época, “nova era geológica”, e de como tudo isso vem sendo pensado no que se refere a relação entre os humanos e o mundo, e as implicações de tudo isso na vida, no desenvolvimento e aprendizagem das crianças de Extrema que deixaram de ser criança, das que ainda são, e das que ainda virão a ser.

### **O ontem e o hoje: será possível um amanhã?**

Para dar pontapé inicial, primeiro, enquanto mulher quilombola, trago aquilo que carrego comigo em minha memória e em meus pensamentos e as lembranças que tenho de meu tempo de criança, bem como, a minha visão de hoje, de pessoa adulta, mãe, educadora quilombola e antropóloga em formação.

Segundo, por meio desta etnografia, trarei as contribuições de alguns quilombolas de Extrema que caminharão junto comigo neste trajeto, tomando como base o conceito de sacola de campo, e neste sentido, tudo se deu com base em conversas de forma espontânea com eles, enquanto corpos participantes enraizados de conhecimentos e saberes ancestrais. Neste seguimento, acompanhe o que a intelectual mestra quilombola Maria Madalena tem a nos dizer sobre o conceito sacola de campo, e seu papel fundamental na descolonização dos pensamentos, saberes e conhecimentos.

A Sacola de Campo consiste em um repositório de conversas ocasionais, além do caderninho que foi fornecido para um interlocutor idoso que necessita de tempo para lembrar e registrar os saberes que permanecem na memória. O destaque aqui feito é relevante para evidenciar a necessidade inevitável de descolonizar o pensamento, inclusive quando falamos de uma metodologia tão consolidada como é a etnografia. (Rocha 2019: 22)

Assim, devido a pandemia de covid19 que nos atravessa profundamente, e portanto, da dificuldade de ir até a comunidade, trabalharemos também com uso de meios tecnológicos, como mensagens de WhatsApp, e áudios nas conversas diárias que tenho com minha mãe Jovelina Pereira Rocha Sacramento, mulher negra Quilombola, trabalhadora rural, mãe de dez filhos, costureira e moradora da comunidade Quilombola de Extrema, e por meios de conversas com meu padrinho José Evangelista Rocha, homem negro quilombola, pai, trabalhador rural e conhecedor de plantas e plantios de roças. Por meio de conversas que tive com meus irmãos

Roberto Sacramento Rocha, Renne Sacramento Rocha e Marcinete Sacramento Rocha, Noênia Sacramento Rocha e meu filho Gustavo Rocha Pereira, que tem nove anos de idade, e faz parte da quinta geração de quilombola desde nossa chegada a comunidade, que somarão comigo nesse caminhar.

Terceiro, e ao mesmo tempo, trabalharemos com intelectuais acadêmicos que tratam a respeito dessas temáticas, das questões sobre o meio ambiente, natureza e sobre a nova era em que estamos vivendo, o antropoceno, bem como, dos que tratam das questões das diferentes formas de vidas e saberes quilombolas.

Puxando em minha sacola da memória, guardo muitas lembranças de meu tempo de criança na Extrema, guardo as festas, os mastros, as rezas, as folias, o gosto das comidas, o cheiro das flores, as frutas no que peava no pé, as broncas de mãe, e as brincadeiras. Entre as lembranças, está também a memória sobre o riacho na beira do brejo que tem a nascente bem no fundo de minha casa na Extrema.

Tenho a memória das enormes árvores em volta do riacho e dos pássaros sentados nas árvores, da água gelada, dos animais indo beber água, do frescor, do cheiro de mato verde, do carreiro que de tanto passar gente e animais não nascia mato, dos peixes e dos curiangos e galinhas d'água que lá habitavam e cantavam todos os dias, principalmente, a boca da noite e de madrugada.

Lembro também de um pé de coco xodó<sup>5</sup> que tinha encostado no barranco na beira da cacimba, e que seus frutos eram disputados entre as crianças que lá iam catá-los para roer e comer a baje/castanha e os animais que também deles se alimentavam. Do lado de cá do riacho é “nosso território” e do lado de lá do riacho é “território do povo do outro lado ou dos Vieiras” como são conhecidos, o riacho ficava no meio, e ambos os lados eram “território de muitas vidas”.

Durante minha infância na Extrema, não tínhamos água encanada em casa e sendo assim, a única fonte de água potável era a do riacho e de uma cacimba<sup>6</sup> na beira do riacho aberto

---

<sup>5</sup> Coco xodó - árvore frutífera da família dos coqueiros, fonte de alimento e remédio para o povo quilombola de Extrema, que pode ser consumido tanto a guariroba do tronco, quando a massa do fruto e a castanha. O fruto quando está maduro possui um perfume que pode ser sentido de longe, e pode ser consumido pelo homem e pelos animais (gado, porco etc.) Quando as crianças Quilombolas estão na fase de nascer os dentes, as raízes do coco xodó, quando o pé de coco está bem novinho ou pequeno, serve para fazer chás e cortar diarreia em decorrência do nascer da dentição. Desse modo, tudo nele pode ser aproveitado, e sendo assim, é fonte de vida e saúde para os quilombolas de Extrema.

<sup>6</sup> Poço aberto manualmente pelos quilombolas na beira do brejo com cerca de um metro de profundidade.

pelo povo da rua II, (também conhecido como Bêco), onde moram os descendentes de ioiô Pedro Rocha, meu bisavô e de iaiá Jovita, minha bisavó (falecidos), pais de meu avô Bento (falecido) e avós de minha mãe Jovelina.

Todos os dias, sobretudo na parte da manhã bem cedinho e a tardezinha, as mulheres da Extrema faziam filas no carreiro da cacimba para buscar água e encher seus potes e tambores. Esse serviço era feito majoritariamente por mulheres, a água buscada na cacimba era usada para lavar vasilhas e roupas, tomar banho, regar as plantas e dar águas aos animais, entre outras.

Lembro-me que existia muitos conflitos por conta da água da cacimba, pois, quem ia mais cedo pegava a água limpa, e as outras mulheres tinham que esperar a cacimba encher de novo para encher suas vasilhas e potes de água, como também contou Marcinete Sacramento Rocha quilombola técnica de enfermagem, “eu lembro que o povo implicava uns com os outros, principalmente com quem ia bem cedo buscar água, dizendo que ia secar a cacimba”. Dessa maneira, era perceptível que também existia momentos de fricção e de atritos entre as pessoas que necessitavam daquela água que era de uso coletivo e compartilhado, como tudo que usamos e fazemos na comunidade.

Para além dos atritos, as idas a cacimba na beira do riacho para buscar água também eram momentos para contação de causos e brincadeiras, e principalmente, para a interação das mulheres umas com as outras, e assim, os laços eram reforçados e muitos ensinamentos se davam ali mesmo com a rodia e o pote/balde ou galão de água na cabeça no carreiro da cacimba.

Eu mesma, já quebrei muitos potes cheios de água no carreiro da cacimba, por prestar mais atenção nos causos do que nos potes de água, e quando quebrava, a bronca era certa, pois os potes de barro não eram encontrados facilmente nos arredores da Extrema. No carreiro da cacimba falava-se de tudo, dos vizinhos, dos parentes, dos filhos, dos maridos e de todos os assuntos na comunidade.

Eu, muito pequena, carregava o pote e ou galão menor, assim como as outras crianças, mas gostava de caminhar junto com as mulheres mais velhas e ouvir os causos e histórias. As crianças menores, nunca iam buscar água sozinhas, eu ia com minha mãe ou com minhas tias e ficava olhando aquela água escorrendo, limpinha, sentia muita vontade de entrar lá, e as vezes colocava os pés e sentia como a água era fria.

No tempo em que minha mãe era criança eles tinham acesso direto ao riacho, podiam ir banhar, pescar e brincar. Contudo, no meu tempo de criança o acesso era mais restrito, devido

as periculosidades que meus pais diziam existir no riacho, mas o desejo era tolar de dentro da água, como diz meu povo quilombola, banhar e brincar no riacho e a curiosidade era muito grande.

Minha companheira de etnografia nessa caminhada, minha querida mãe, dona Jó que é como ela gosta de ser chamada, conta que quando ela era criança, lá na Extrema tinha muitos jovens e crianças e que tudo era muito animado, e que depois que chegavam da escola, quando iam à escola, e ao terminar de ajudar na lida da roça e cuidar da casa e dos animais, as crianças da Extrema gostavam mesmo era de brincar no riacho, que ficava lotado da meninada, e assim, fica perceptível que era lá que acontecia muitas aventuras e aprendizagens.

Ainda conheci o riacho cheio de vida, com água corrente e muitos animais habitando nele e em seus arredores. Mas, já não era mais como quando minha mãe era criança que o riacho era fundo, e era lindo de se vê, com muitas riquezas e variedades de vidas. Contudo, principalmente, depois de chegar gente de fora, com a derrubada das árvores o riacho de Extrema foi secando aos poucos e parando de correr água em seu leito, e quando vimos, já não corria mais água. Pois, como ressaltou a professora Indira Nahomi Viana Caballero na aula de Antropologia da vida diante da catástrofe do dia 14 de abril de 2021, que “a apropriação da água é contra os termos da água”.

Minha irmã Noênia Sacramento Rocha, estudante de medicina veterinária na UFG relatou que guarda nas lembranças de infância o “pé de tamboril<sup>7</sup>, e de um monte de meninos e meninas subindo em cima e pendurando nos cipós de macaco<sup>8</sup>, pulando e balançando lá no alto e das idas e vindas no caminho da cacimba para buscar água. ”

Na comunidade quilombola de Extrema, a água que era algo coletivo de uso comum a todos, que seguia seu fluxo livremente, ambiente vivo, de diversão, aprendizagens e saberes sempre de forma abundante e compartilhada em volta do riacho, dentro do riacho e na cacimba do Bêco, passa a ser uma coisa controlada que sai por uma torneira. Desse modo, entendemos que é importante:

*Decolonizar* a categoria de “natureza” e a forma através da qual se produzem conhecimentos, bem como as relações de poder que perpassam a interação entre seres humanos e não-humanos a fim de repensar a questão ambiental a partir de uma perspectiva plural e diversa. (Astrid Ulloa 2019: 03)

---

<sup>7</sup> Pé de tamboril – árvore nativa daquela região, de grande porte com uma sobra vasta.

<sup>8</sup> Cipó de macaco - nome popular de uma planta trepadeira com galhos enormes e que descem até o chão, forte e resistente muito comum em beiras de riachos como o de Extrema, muito usado pelas crianças da comunidade para despendurar e brincar.



Há em curso, diante dos olhos dos quilombolas uma mercantilização das fontes naturais, aliada ao desmatamento dos recursos naturais, e com isso, o povo de Extrema passa a depender de água encanada de poço artesiano aberto pela prefeitura da cidade, e então, a água passa a ser algo individual que passa a sair das torneiras de cada um.

Inicialmente, era uma torneira só para todos os quilombolas buscarem água, e ter que esperar balde por balde encher de água, e fazer o trajeto de volta pra casa, contudo, não era a mesma coisa de buscar água na cacimba. Depois, colocaram água nas casas, e toda a interação que tinha no carreiro da cacimba quando se ia buscar água, acabou, e junto com ela, todas as aprendizagens, causos, histórias, ensinamentos passados de geração em geração, entre outras.

E assim, essa água modernizada, que foi colocada como boa, que sai facilmente das torneiras é bem diferente da riqueza que existia, da diversidade de vida que habitavam ali. Além de tudo, na comunidade principalmente em períodos da seca, em que baixa a água do poço artesiano e com isso queima a bomba que puxa a água, falta água constantemente para nosso povo quilombola de Extrema.

Conversando com meu irmão Roberto Sacramento Rocha, estudante de engenharia civil na UFG, pai de dois filhos que também não tiveram a oportunidade de brincar e aprender com o riacho. Ele enfatiza que um dos possíveis motivos que pode ter levado o riacho a secar foi o desmatamento. E que sente entristecido de seus filhos não poder viver um riacho cheio de vida. Podemos perceber na fala dele que ressalta ainda que “eles desmataram para poder plantar na vazante, mais próximo a água, para não ter risco de perder a roça no tempo da seca, porque a terra lá é preta, é rica, terra preta é adubada, para o plantio de milho e feijão e hortaliças”.

Durante a aula de Antropologia da vida diante da catástrofe do dia 14 de abril de 2021, a professora Dra. Suzane de Alencar Vieira explanou uma frase que me deixou pensativa e mais inquieta ainda ao pensar e fazer conexão com o riacho de Extrema. Ela afirmou que “a água tem como forma, o fluxo. E o desejo em reter a água, conter, submeter as necessidades humanas são incompatíveis a esse fluxo da água”. Desta maneira, compreendo que o desmatamento provocou essa retenção no fluxo da água no riacho de Extrema, e isso, certamente provocou a perda dos fluxos de água, de vida e de saberes e aprendizagens existentes ali.

E assim, Roberto Sacramento Rocha continuou discorrendo sobre o assunto, sobre pessoas de fora que chegaram a comunidade e desmataram próximo ao riacho. Diante dessas constatações, fica perceptível na Extrema que tudo isso vem causando mudanças nos fluxos de

vida e provocando muitos impactos na vida das pessoas e de todos os seres vivos que dependiam daquele território, o riacho.

Renne Sacramento Rocha, meu irmão que é guarda civil em Aparecida de Goiânia, com tom de nostalgia, disse que antigamente na beira do riacho era muito bom, pois podia sair para pescar pertinho de casa, e conforme ele relata, na manilha “tinha muita piaba antigamente, tinha muita traíra e mandinho também, a fauna era até boa” disse ele.

Percorrendo com Débora Danowski e Eduardo Viveiros (2014), que discorrem que, as mudanças ambientais serão as causadoras da extinção da humanidade. E nós sabemos que essas mudanças são causadas pela ação humana, e desse modo, o homem vem causando sua própria extinção, e isso vem sendo feito gradativamente, anos após ano. Sem dúvidas, com base em tudo que estudamos até hoje, com base nos saberes ancestrais quilombolas, ficou evidente que os humanos são os únicos seres vivos que destroem a natureza, o próprio ambiente onde vive e depende dele para sobreviver.

Dona Jó relata com nostalgia que o riacho era limpinho e cheio de plantas em sua volta, e que era lugar de diversão das crianças e jovens da Extrema. Além de ser território de muitas espécies de animais aquáticos, terrestres e muitas aves e de muitas outras formas de vidas visíveis e invisíveis, ela diz ainda que todos os dias eles iam para o riacho banhar em suas águas geladas e brincar uns com os outros. Convido-os a acompanhar a fala de dona Jovelina, mulher negra quilombola, mãe, trabalhadora rural, costureira e membra da associação de moradores da comunidade quilombola de Extrema.

Em Toquinha<sup>9</sup> o riacho lá *diprimeiro*<sup>10</sup> era uma mata, uma matinha, era uma mata. Aí, os meninos *diprimeiro*, os meninos homens fizeram uma canoa e *botava*<sup>11</sup> lá no riacho, e todo mundo quando ia banhar, *mntava* na canoa e descia até lá mais embaixo. Depois, mudaram um pessoal de fora pra cá e andou desmatando a beira do riacho que era mata, aí o riacho foi acabando, mas, nós andava lá era de canoa. Lá tinha uns *pauzão*<sup>12</sup> grosso, enorme os *pé de pau*, enorme, nós subia, e eles era deitado na beira do riacho, nós subia nele e de lá de *riba* dele nós pulava lá dentro da água no riacho, êta tempo que era bom! Aí, os meninos fizeram uma *pinguela* lá no nos paus, arrumaram uns, cortaram uns pau lá e fizeram uma *pinguela* para atravessar, que lá era largo e fundo, era bom demais lá, e nós *tolava de dentro*. (Jovelina Pereira Rocha Sacramento, quilombola de Extrema)

<sup>9</sup> Toquinha - é o nome como eu Márcia Sacramento Rocha sou conhecida por meus familiares em Extrema.

<sup>10</sup> Diprimeiro - é como nós Quilombolas relatamos tempos anteriores, tempos atrás ou antigamente.

<sup>11</sup> Botava- é o mesmo que colocar, pôr alguém ou alguma coisa.

<sup>12</sup> Pauzão- são as árvores grandes.

É notório na fala dela, a conexão e a relação intrínseca entre as crianças de sua geração e o riacho da comunidade, e o quanto isso implicava na forma de vida das crianças quilombolas de Extrema, sobretudo nos momentos que envolve as brincadeiras. E assim, concordando com o professor Alejandro Fujigaki Lares que discorreu em uma das aulas de Antropologia da vida diante da catástrofe, que “o mundo não existe sem conexões”. E sendo assim, é perceptível que todos ganhavam mantendo a conexão com as riquezas oferecida pelo riacho da Extrema, e o quanto as gerações seguintes como a minha e a de meus filhos perderam de aprender com o riacho.

Desde criança, eu sempre ouvia de minha mãe<sup>13</sup> e dos outros mais velhos, “menino/a pequeno/a não pode ir para a beira do riacho sozinho”, pois tinha muitos bichos/animais lá, e poderia ser perigoso. Só podíamos ir se fossemos acompanhados, pois era perigoso afogar, ou encontrar algum bicho na beira do riacho, contudo, essas restrições só aumentava a vontade de ir, de banhar e dependurar nos galhos na beirada do riacho. Vejamos a fala dela abaixo para compreendermos:

---

<sup>13</sup> Gostaria de pedir licença para trazer aqui uma triste realidade que vivi durante a feitura deste trabalho. Apesar de meu povo de Extrema ter fechado a comunidade, e no ano de 2020 e ter conseguido manter a covid19 longe de nosso povo, este ano de 2021 a covid19 ultrapassou todas as barreiras de proteção e cuidado e muitos de meu povo foram infectados, entre eles a minha mãe. Ela teve a forma grave da doença e ficou em estado grave, chegando a ficar com 50%/75% dos pulmões comprometidos, e tendo que ficar mais de 26 dias hospitalizada, sendo 11 na UTI no Hospital Estadual de Formosa em Goiás, recebeu alta hospitalar, contudo, teve que retornar, e ficou mais 14 na enfermaria e um no hospital do Garavelo em Aparecida de Goiânia, e dois em Iaciara-Go onde teve os primeiros atendimentos.

Tudo isso, essa aterrorizante situação vivida pela minha família e tantas outras é reflexo da aterrorizante realidade em que estamos sendo atravessados no Brasil, com a pandemia de covid19, somada ao descaso pela parte do Governo Federal, que insiste em negar a doença, e de forma criminoso coloca em curso sua necropolítica, levando a morte de mais de meio milhão de pessoas. Essa política de morte, que mata sobretudo aqueles que não podem optar, por exemplo, em ficar em casa, tendo em sua maioria composta por mulheres negras, mães e chefes de família como minha mãe. É indignante pensar que muitas pessoas perderam a vida, tendo vacina, e que muitas mortes poderiam ter sido evitadas.

Graças a Deus, minha companheira de etnografia nesta atividade e em outras, minha maior inspiração, meu maior exemplo de força e de coragem está em casa se recuperando, com todo afeto e cuidado que merece. Contudo, infelizmente muitos não terão essa nova oportunidade de viver, ou de renascer como minha mãe.

Minha irmã que foi cuidar de minha mãe na comunidade também foi contaminada, mas, felizmente, teve a forma leve da doença sem necessitar ser hospitalizada.

Gostaria de expressar meus agradecimentos às minhas queridas professoras Suzane e Indira, do curso de Antropologia da vida, e ao querido professor Fuji, também do curso de Antropologia da vida diante da Catástrofe, e também a cada um de meus colegas por todo apoio e afeto nesse momento tão difícil que eu e minha família vivemos e muitas famílias estão vivendo.

Tudo isso é indignante, e, principalmente por compreender que faz parte de um projeto de morte desse governo que insiste em negar a existência e a gravidade dessa doença que assola a população mundial, e sobretudo a população brasileira, em que os negros, os trabalhadores e pobres, que não tem outra alternativa a não ser, estar na linha de frente, por não ter outra opção, e desse modo, são os que mais estão morrendo ou sendo assassinados por uma doença que existe vacina, mas que estamos morrendo pela demora em vacinar. Desejo que sejamos vacinados o quanto antes, e que ninguém venha a passar pelo que passamos.

No riacho aí tinha muito *cargo*<sup>14</sup>, tinha era muito *cargo*, jacaré, sicuri, tinha demais, Tôca, demais. Quando nós ia pro riacho pra banhar de tarde, aí era de tarde, outra hora era meio dia, quando nós chegava lá nos *pau* que era de nós *montar*, tava cheio de *cargo inriba* dos pau lá, eles saía do riacho subia nos pau e ficava lá esquentando sol (risos) cê chegava, cê só via era *cargo* dando pulo de ponta dentro da água correndo. Uma vez nós foi banhar, uma maloca de mocinha, malocona. *Rambora* tudo pro riacho, bora. Nós descemos daqui pra lá, e era a finada Vanilde, Maria Bofão, eu e Marta, *num* sei se Domingas *tava*, e tinha mais, era muitas mocinhas. Chegamos lá, para pegar a canoa, nós já ia *de carreira*, uma correndo pra pegar a canoa primeiro de que a outra, e eu mais a finada Vanilde e Maria Bofão *muntemos* nessa canoa, e essa canoa virou com nós moço, dentro da água, dentro desse riacho, e ele era fundo. Lembro até hoje, fui bater lá no fundo, fui parar lá no fundo do rio, e fiquei foi hora lá *cavucando*, pelejando para sair, até eu, até Deus me ajudou, foi Deus, que eu saí de lá, já *tava* era afogando, e nisso, Vanilde mais Maria já tinha saído, aí daí pra cá nunca mais eu *muntei* ne canoa, Tôca. (Jovelina Pereira Rocha, quilombola de Extrema)

Este assunto sobre as questões ambientais sempre tiveram um lugar de destaque aqui em casa, e em uma dessas conversas rotineiras com meu filho Gustavo Rocha Pereira<sup>15</sup> que diz que gosta muito de ir a comunidade para brincar. Veja a fala dele:

Eu gosto muito quando eu vou para casa de minha vó Jovelina, eu e meu tio Pedro gostamos de ir para o riacho pegar uma vara, por uma linha e um arame na ponta, arrancar minhoca da terra e pescar. Eu já fui lá no riacho, é perto da manilha ainda tem peixinhos, eu peguei uma piabinha pequenininha. (Gustavo Rocha Pereira, quilombola de Extrema)

E diante disso, com base naquilo que ele vem analisando e observando nos momentos de ida até a comunidade, conforme podemos perceber na conversa com ele, e principalmente, nas conversas com sua mãe e avó, e desta maneira, com sua criatividade e percepção de uma criança quilombola que é atravessado por meio dos ensinamentos ancestrais, ele continuou a escurecer sobre o assunto:

Tiraram as árvores em volta dele, tiraram a vida porque árvore é vida. E também porque as pessoas esqueceram de cuidar dele, e aí, ele foi secando, secando e ficando triste, muito triste e secou. Esqueceram dele, de cuidar dele, e ele se decepcionou com as pessoas. Tiraram a vida de perto dele, porque

---

<sup>14</sup> Cargo- cágado é um animal da família dos quelídeos, da mesma família da tartaruga.

<sup>15</sup> Gustavo é uma criança de 09 anos e está cursando o 4º Ano do ensino fundamental. Ele veio com sua família morar, no primeiro momento em Goiânia, para que a mãe pudesse estudar, e atualmente, moram em Aparecida de Goiânia. Ele veio da comunidade com quase dois anos, e quase não conviveu na Comunidade, conhece tudo muito bem por ir sempre nos períodos de férias, festas e de tanto ouvir falar, e de praticamente estudar junto com a mãe, por serem bastante próximos e por ele demonstrar muito interesse por esses assuntos. O que ele diz gostar e muito é de ir lá na Comunidade nos períodos de férias, comemorações e ou sempre que dá. Ficou surpreso em saber que sua avó e muitos outros andavam de canoa no riacho que hoje encontra-se seco.

árvore é vida, as árvores é que deixa os rios com cor. (Gustavo Rocha Pereira, quilombola de Extrema)

E nossa troca de saberes em relação aos cuidados com o riacho continuou. Conversamos sobre o que poderia ser feito, se existia alguma coisa e ou possibilidade de fazer algo para transformar essa triste realidade de morte do riacho. E ele disse o que poderíamos fazer diante da situação complicada. Conforme Gustavo Rocha Pereira, a melhor coisa é: “precisamos plantar árvores e dar mais importância para ele, que a vida vai voltar”, e ainda disse que “o riacho pode ter secado também por causa do aquecimento global, porque a terra, o solo foi esquentando, e tiraram as árvores e ele morreu, o tempo foi passando, e as pessoas esqueceram dele, e ele foi diminuindo até secar”.

Diante da fala e dos ensinamentos de uma criança quilombola de 09 anos, é perceptível e fica cada vez mais notório de entender que as pessoas e o mundo, a vida em todas as suas formas e importâncias, sempre será, ou melhor, deveria ser uma questão única, principalmente, porque a vida humana depende da natureza, das plantas, dos rios e dos animais, de tudo na natureza.

E desta maneira, o cuidado com o meio ambiente é imprescindível para nossa sobrevivência, é essencial para manutenção da vida, de todas as vidas, pois para os quilombolas de Extrema, não existe vida mais ou vida menos importante. E sendo assim, é preciso, urgentemente, desnaturalizar que a vida humana está acima de todas as outras vidas, que é a mais importante, ainda mais sabendo que nós, os humanos, não temos a menor possibilidade de sobreviver sem a natureza, contudo, a natureza sobreviveria perfeitamente sem os humanos, e viveria muito melhor se nós não existíssemos.

De acordo com Débora e Viveiros (2014), assim como dizem os povos Yanomami, que associam as atividades exploratórias da natureza em seus territórios que vem somando e gerando o chamado fim. O riacho da Extrema vem morrendo todos os dias um pouco ao longo dos anos, e com ele, vem morrendo todas as formas de vidas existentes naquele meio ambiente.

A morte do riacho vem impactando inclusive na criatividade dos quilombolas de Extrema, na arte quilombola de inventar brincadeiras, de dar risadas, de ensinar e de aprender naquele território, e diante deste contexto, o modo de existir daquele povo vem sendo atravessado como consequência da ausência de um olhar diferenciado para aquela fonte de vida

e de existência, restando apenas as memórias como as acima citadas. Observemos o que diz José Evangelista Rocha.

Eu conheci o córrego (córrego ou riacho) com muita água, tinha poço que a gente banhava, tinha lugar que a gente abria cacimba para pegar água para beber para lavar roupa, então, eu conheci ele dessa forma, um córrego rico de água, muito rico de água, não secava naquela época, tinha mata de um lado e outro, aí hoje derrubaram as margens dele, né, em um tempo atrás derrubaram, aí ele veio a secar. Derrubaram as margens, derrubaram a nascente e aí ele veio a secar. Foi secando aos poucos, foi secando e hoje ele já não encontra mais com água. Ele hoje tá seco, não tem nada de água nele mais. Era um córrego que a gente plantava. Plantava horta nas margens dele e tinha água para molhar com fartura. E hoje não tem mais água, ele hoje encontra seco, é um córrego que hoje tá seco mesmo, é a situação que ele se encontra hoje.

Naquela época ele corria água, nos anos 1983 até os anos 1990 ele ainda corria água, de um certo tempo pra cá, desmataram as margens dele, as beiradas do córrego, né, aí, ele veio diminuindo a água, veio diminuindo bastante a água no decorrer desse tempo e hoje ele se encontra seco, não tem água nele, a gente anda nas margens dele beirando e tá tudo seco, não tem mais água. Foi a destruição da mata na nascente dele né, também derrubaram tudo, aí para “limpar” o córrego e ele acabou secando. Ele hoje se encontra seco em uma situação difícil. E eu acho muito difícil, tem que ser muito trabalho para fazer ele voltar de novo, acho que é muito difícil.

A gente tem saudade né, do tempo que ele tinha água, corria água que todo mundo aqui usufruía dessa água aqui em nossa comunidade quilombola desse município, então hoje ele tá seco. A gente hoje toma água aqui é de poço artesiano, toda comunidade quilombola aqui e região vizinha, a gente hoje está no caos só com a água do poço, o riacho secou, então essa é a situação nossa aqui hoje que se encontra dessa forma. (José Evangelista Rocha, trabalhador rural e quilombola de Extrema)

Na conversa com José Evangelista, é possível sentir muita preocupação e também muita tristeza, misturada com a saudade quando em se refere ao riacho e tudo que estava em sua volta. No entanto, com desmatamentos como os citados por ele, o que se percebe é que o homem sente-se no direito de determinar qual a vida mais importante, e com isso, sente-se o centro da vida na terra.

Maria Madalena fala com muita saudade que “o riacho é o meu lugar de sentir o cheiro do “quento” verdinho, da terra preta molhada e principalmente da cacimba fria.” Assim, o riacho ter secado ou morrido, não significa “somente” a morte do riacho e das incontáveis vidas que habitavam suas águas e tudo que o cerca, mas, morreram também as brincadeiras das crianças, as conversas das mulheres e meninas no carreiro, as trocas de saberes e conhecimentos, as alegrias, os ensinamentos e aprendizagens, e as risadas que as gerações mais

novas não tiveram a oportunidade de viver, e conseqüentemente, a história de nosso povo, que agora, habita a esfera da memória.

Neste sentido, a catástrofe e a sensação constante de se viver em um mundo em ruínas, de viver um caos, como afirmou José Evangelista, que é essa nova era geológica, continua seguindo seu fluxo e isso vem ocorrendo, infelizmente, graças ao trabalho humano, e ao desserviço que os humanos vêm prestando ao meio ambiente. Assim, tudo isso ocorre, inicialmente, no formato micro, com pequenas mudanças diárias, cortando uma planta, cortando outra, que na maioria das vezes, muitos não dão assunto, mas que os quilombolas já vêm se atentando aos sinais, e que vão sendo notados todos os dias e quando menos se espera, virou uma coisa gigantesca, mas que havia dado muitos sinais.

E neste sentido, a morte do riacho vem, literalmente, acabando com os ensinamentos, as aprendizagens, as construções e os fortalecimentos dos vínculos e identidade dos quilombolas de Extrema, e com isso, o que percebemos, é que de fato, estamos a cada dia que passa morrendo um pouquinho, junto com o riacho de Extrema e todas as vidas existentes, pois estamos intimamente ligados, sobretudo, por sermos um só emaranhado de vidas.

Para a professora Maria Madalena, o riacho hoje é memória. Diante desta triste realidade, ficou mais escurecido que as pessoas deveriam ter prestado assunto ao que o riacho, que tentou, gritantemente, nos dizer e nos alertar durante todos esses anos. Sabemos que sempre é tempo para desfazer o mal causado a natureza. E principalmente, que é cada vez mais emergente que precisamos descolonizar a natureza, o meio ambiente e as questões ecológicas.

## **Referências**

AULA DO DIA 14 de abril de 2021 do curso de Antropologia da vida diante da catástrofe ministrada pelos professores Alejandro Fujigaki Lares, Indira Nahomi Viana Caballero e Suzane de Alencar Vieira em Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2000. *O trabalho do antropólogo*. 2ed./ Roberto Cardoso de Oliveira. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 220p.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2014. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro/ISA.

KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica*. São Paulo, sp: n-1 edições.

ROCHA, Maria Madalena do Sacramento. 2019. Na Caçada da Onça: Curraleira e Sussa enquanto Performances Culturais Quilombolas [manuscrito] / Maria Madalena do Sacramento Rocha.

ULLOA Astrid. 2019. A era do ser humano VIVEMOS NO CAPITALOCENO? Antropoceno e Capitaloceno na América Latina - Goethe-Institut Brasilien. Tradução: Soraia Vilela Copyright: Copyright: Goethe-Institut Kolumbien.